

# Dedicando tempo ao tempo

## *em março*

1º de março de 2025

Querido leitor,

É hora de outra carta. É hora de dar boas-vindas à primavera no Hemisfério Norte. É hora de me conectar novamente com todos vocês, meus companheiros Siddha Yogues e os novos buscadores que estou louca para conhecer.

Em minha última carta, escrevi sobre algumas das questões que podemos contemplar ao estudarmos a Mensagem de Gurumayi para 2025 e seus ensinamentos de *Na Presença do Tempo*. Por exemplo: o tempo é realmente discreto e mensurável, ou isso é simplesmente uma história que contamos a nós mesmos enquanto o tempo permanece como sempre foi — interminável e, até certo ponto, incognoscível? Pode o tempo ter uma personalidade própria? Ou as qualidades que percebemos em um determinado período de tempo são apenas um espelho de nossas próprias experiências subjetivas em constante transformação? O tempo muda ou somos *nós* que mudamos? Essa diferenciação importa?

Se você mora em um lugar com estações distintas — como o nordeste dos Estados Unidos, onde o Shree Muktananda Ashram está localizado — então a questão de saber se o tempo muda e como muda é quase certamente influenciada pelo que você vê ao seu redor. Cada estação é dramaticamente diferente das outras; a transição de uma para a outra é um indicador inegável da passagem do tempo. No entanto, há um padrão para esse movimento. As estações ocorrem em um ciclo. O que antes era

vibrantemente vivo vai descansar; o que estava adormecido floresce novamente. O tempo é uma linha, então, ou é um círculo? Ou é uma forma completamente diferente?

Março é o mês do equinócio da primavera, e a primavera traz consigo os primeiros sinais de vida renovada. Brotos verdes tenros surgem do chão. Existe *algo* indescritível no ar à medida que ele se aquece — a promessa de mais luz, talvez, à medida que os dias se alongam visivelmente; a excitação silenciosa que acompanha qualquer novo começo. Não é de surpreender que existam tantos festivais ao redor do mundo associados à primavera. Na Índia, por exemplo, as pessoas celebram Holi e Gudhi Padva, ambos ocorrendo em março este ano.

Eu acho proveitoso, até encorajador, pensar na primavera e suas conotações, dado o momento atual em que vivemos. Para muitas pessoas, pode ser confuso observar o que está acontecendo no mundo; a perda de estabilidade é aguda. Nossa atenção, nossas emoções podem vacilar a cada dia entre a tristeza pelo que é e uma crença incansável no que poderia ser — o que *deve* ser, se tivermos algo a dizer sobre isso. Nosso desejo de recuar e nos afastar pode ser igualado apenas por nossa motivação para causar mudanças reais e significativas. Parece haver mais turbulência do que nunca, tanto ao nosso redor quanto dentro de nós. Mas, afinal, não é essa a natureza da vida? A luta para encontrar respostas — para aquilo que pensávamos ter entendido, mas agora questionamos, e para aquilo que talvez nunca tenhamos conhecido absolutamente — é parte do que significa ser um indivíduo pensante.

Ainda assim, eu me consolo com a capacidade aparentemente ilimitada das pessoas de criar felicidade — de encontrar e expandir a alegria. Ao longo da história, os seres humanos tiveram que suportar períodos de dificuldades imensuráveis. E, no entanto, eles sempre encontraram *algum* motivo, *alguma* ocasião, para comemorar. Em meio a quaisquer desafios

que tenham enfrentado, eles se sentaram uns com os outros e repartiram o pão. Compartilharam histórias, fizeram música, deram os braços na dança. Eles se apaixonaram; se casaram. E a cada ano, quando a primavera chega, eles reconhecem a beleza e a generosidade da natureza. Eles escolheram se lembrar da bondade da vida.

Essa noção de possibilidade ondulante — de esperança, de resiliência — sustenta os ensinamentos de Gurumayi de *Na Presença do Tempo*. É algo que muitos de vocês já perceberam. Como um de vocês compartilhou recentemente no site do caminho de Siddha Yoga:

Essa prática e estudo do tempo com que Gurumayi está nos agraciando é tão estimulante por muitas razões. Eu agora acordo todos os dias me perguntando com grande expectativa: “Ah, eu me pergunto qual é o tempo de hoje!”

Sim, qual é o tempo? Qual tempo será? A *tabula rasa* de tudo isso, a perspectiva de que cada dia pode ser novo — ou pelo menos, que *nós* podemos ser novos, na forma como abordamos e usamos nosso tempo — é revigorante. No Shree Muktananda Ashram, uma das primeiras plantas que vemos na primavera é a campainha-de-inverno. É uma flor desprezível, suas pequenas pétalas brancas pairando a poucos centímetros acima da terra, mas é notável por sua robustez. Muitas vezes ela aparece enquanto o gelo e a neve ainda estão no chão; Na verdade, a campainha-de-inverno tem a capacidade de responder à temperatura, fechando-se para proteção quando o tempo está muito frio e reabrindo quando esquenta novamente. À sua própria maneira, então, essa pequena flor traz uma lição para nós — a lição de como triunfar sobre o desafio, como permanecer destemido em relação ao que já passou, como viver com o entendimento de que nenhuma condição é definitiva. Sempre existe mais força interior disponível para nós.

Atenciosamente,

Eesha Sardesai



© 2025 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.